

ENTREVISTA ([HTTPS://WWW.NEXOJORNAL.COM.BR/ENTREVISTA/](https://www.nexojournal.com.br/entrevista/))

‘A palavra é uma queda, mas é a única coisa que a gente tem’

Laura Capelhuchnik 11 Abr 2019 (atualizado 11/Abr 18h35)

O escritor João Carrascoza lança o novo romance ‘Elegia do Irmão’ e fala ao ‘Nexo’ sobre literatura, relações familiares e o que é ser escritor no Brasil hoje

FOTO: MARCOS VILAS BOAS/DIVULGAÇÃO



📷 O ESCRITOR JOÃO CARRASCOZA LANÇA O NOVO ROMANCE, ‘ELEGIA DO IRMÃO’

O escritor João Anzanello Carrascoza, nascido em Cravinhos, no interior de São Paulo, estreou na literatura nos anos 1990. Hoje, aos 57 anos de idade, tem mais de 40 livros publicados. O autor ganhou destaque nacional principalmente pelo trabalho como contista.

Suas narrativas breves, geralmente ligadas ao universo familiar e a discussões sobre afetividade e ausência lhe renderam seu primeiro prêmio Jabuti, em 2007, com a coletânea “O volume do silêncio”. O escritor também publicou livros de não ficção, adaptações de clássicos e foi premiado pelo trabalho como romancista.

Em março de 2019, Carrascoza lançou “Elegia do Irmão”

(<https://www.nexojournal.com.br/estante/trechos/2019/02/28/%E2%80%98Elegia-do-irm%C3%A3o%E2%80%99-uma-hist%C3%B3ria-sobre-finitude-e-aus%C3%A2ncia>), em que volta a falar

sobre relações desatadas. O narrador do romance, diante da iminência da morte da irmã, revisita as memórias afetivas que os dois compartilharam desde a infância. A história é estruturada em duas partes: a primeira, que começa pelo anúncio da futura perda, mostra como é, na intimidade, a elaboração de um processo de luto. A segunda é posterior à morte da personagem, e fala sobre conviver com a ausência.

Desde “Aos 7 e aos 40”, seu primeiro romance, lançado em 2013, o escritor tematiza a falta ao descrever interações fragmentadas e ao atentar para o que se manifesta de forma não verbal. Seu livro “Caderno de um ausente”, que trata da relação entre pai e filha, foi vencedor do Prêmio Jabuti em 2015. Na obra, Carrascoza dedica um capítulo inteiro aos significados do silêncio, o nosso “idioma perfeito”.

Além de escritor, Carrascoza é publicitário e professor na Escola de Comunicação e Artes da USP e na Escola Superior de Propaganda e Marketing, a ESPM. Suas pesquisas acadêmicas investigam também o que não é dizível, mas que de alguma maneira se manifesta e tem circulação.

O escritor falou ao **Nexo**, por telefone, sobre o novo livro, a manifestação da memória e das relações familiares em sua obra e sobre como é ser um escritor no Brasil hoje.

Como é começar a narrar uma história anunciando seu fim?

JOÃO CARRASCOZA Eu acho que foi um grande desafio. Existem alguns livros sobre isso, não muitos, em que você consegue segurar a história a partir já de um desfecho, como “Crônica de uma morte anunciada”, de Gabriel García Márquez, e “A morte de Ivan Ilitch”, do Tolstói. O meu desejo era escrever uma história em que o corte da morte não fosse importante, porque ele vai acontecer de qualquer maneira. O importante é o que a gente faz enquanto está aqui. Então como esse irmão rememora toda essa relação enquanto a irmã está aqui e, depois, quando ela já não está. Porque ele tem que, digamos, elaborar o luto. Os capítulos, que são fragmentos, são bem curtos — é uma coisa que o narrador apresenta: é impossível reconstruir a vida de alguém por meio de uma totalidade, como se você conseguisse pela linguagem e de um só olhar puxar todo o bloco de vida. Então vai fazendo por fragmentos. E aí tem a ideia de se chamar elegia, uma evocação, um canto triste, tem a ver um pouco com as “Elegias de Duino”. São os poemas do [escritor alemão] Rainer Maria Rilke [1875-1926] que estão como epígrafe de cada parte. São uma forma de, ao mesmo tempo, ser um canto triste e um canto de celebração à vida. Porque não tem o foco na finitude, no acabar, na morte efetivamente. Depois que você vai, você ainda está, então é preciso realizar o luto. É um livro sobre a vida. Estamos vivos e é da vida que nós vamos falar.

É o primeiro romance em que você se dedica às relações afetivas entre irmãos. O que vê de particular nelas?

JOÃO CARRASCOZA Eu tinha escrito muito sobre o núcleo familiar, mas poucas histórias sobre irmãos. Acho que no livro anterior, o “Catálogo de perdas”, apareceu um ou dois textos sobre irmãos. E eu acho que daí fiquei focado nessa relação. Sou de uma família de seis irmãos, e nunca tinha dedicado um livro a eles. Quando eu os encontro, vejo que a gente já tá envelhecendo muito, uma hora pode ser que eu não esteja mais aqui. Você começa a perceber que vai entrando em uma idade mais perigosa, mais propensa ao fim. Então também veio esse sentimento de escrever sobre um vínculo que é muito forte e muito bom, muito positivo.

Quando você descobre o outro, você descobre dentro de casa. Alteridade você não descobre em outro lugar. Você tá ali numa tarde, levanta os olhos e tem um senhor parecido com você. É o seu pai, mas não é você. É sua mãe, seu irmão. Você nota que o outro tem traços parecidos, mas o outro não é você. Então você vai aprendendo o respeito, a entender, a ter uma certa reverência, educação e isso pode resultar numa boa relação. Por que não escrever também levantando uma bandeira de agradecimento porque viveram o mesmo tempo, as mesmas horas, a mesma infância, porque tiveram o mesmo mundo, digamos assim?

Eu escrevi muito sobre pais e filhos, mas acho que existe um degrau de diferenças. Não é só uma questão de degrau de autoridade, os pais estão num degrau da existência mais alto, no sentido de anterioridade no tempo, chegaram antes no mundo. E estão ali também para te ensinar, para te mostrar, estão te trazendo ao mundo, de alguma forma. Eles têm essa responsabilidade. E os filhos podem contar a partir desse degrau mais abaixo de tempo, de estar vivendo um outro momento. Irmãos, ainda que possam ser uma mais velho que o outro, como é o caso desse romance, estão numa linha muito próxima. Você tem um compartilhamento de existência: de tradições, de situações, de status, de acontecimento. Você não tem nenhuma missão, nenhuma responsabilidade de ensinar seu irmão, ou de contar pra ele as histórias da família, ou as memórias. Eles são irmãos, estão vivendo a mesma coisa ali juntos. Um dá um passo e o outro dá também. Foi um aprendizado como escritor.

E qual é o papel da sua memória no seu trabalho? Você acha que tem algo de autoficção nele?

JOÃO CARRASCOZA Sempre que eu vou escrever alguma coisa eu tenho que mergulhar no meu imaginário. E meu imaginário tem nas raízes a cidade de lá, Cravinhos. É minha infância, minha nascente. Então eu não me liberto: ao contrário, tento explorar isso, porque é algo positivo. A gente trabalha com as memórias, e você vai escrever uma história sobre dor, sobre perda, você tem que evocar, puxar aquelas que você teve e utilizá-las na hora de lembrar e de reconstruir por meio da palavra a sua história, a força, a visceralidade, a potência que elas tinham e que te causaram. Você continua sendo uma pessoa em função delas. A gente é uma forma das nossas perdas também. É claro que eu lembro de coisas da minha infância que eu posso ter transfigurado, mudado, para que fizesse jus a um livro. E aí convence tanto que as pessoas ficam brigando comigo sobre a minha própria história!

Como você lida com a incomunicabilidade como escritor?

JOÃO CARRASCOZA O que move a gente a falar e escrever é justamente trabalhar, aceitar a limitação da palavra. À medida que você não consegue entender o silêncio do outro, o que ele significa, aquele idioma do silêncio, você resgata a palavra. A palavra é uma queda, mas é a única coisa que a gente tem. É a única coisa que permite a gente poder tentar explicar e dar sentido para a nossa existência por meio de uma linguagem.

Mas existe o indizível, o inenarrável, que está para além da linguagem. E eu acho que é sempre um desafio, se a gente vive de escrever. É como diz o [Carlos] Drummond [de Andrade], [lutar com as palavras] é a luta mais vã. Mas é o que nos move.

O que é o silêncio no seu trabalho?

JOÃO CARRASCOZA O silêncio é constitutivo de qualquer dizer. E no meu [trabalho] ele aparece muito porque nem sempre o que está sendo narrado está sendo narrado com palavras. Há toda uma gestualidade, um som, um ritmo, uma cadência que eu procuro trabalhar porque me interessa. Quando foco num personagem, como ele está se movendo, como ele está se comportando, isso diz coisas. Não tem só linguagem verbal, não tem só a palavra. O silêncio pode dizer sim, pode dizer não, pode dizer um monte de coisas. E eu acho que não só o silêncio: o tempo também tem essa característica. Gosto de escrever um texto que vai descomprimindo o tempo, que vai obrigando você a ir devagarzinho. É um pouco como a vida. A vida não é viver tudo de uma vez. A vida é aos trechos, a vida aos poucos, dia após dia. A gente vive um tempo em que parece que está tudo junto, que é um presente contínuo. Eu acho que é interessante uma literatura – pelo menos eu tento fazer – que vai meio na contramão. A gente demora nove meses pra nascer, né? É da condição humana, você precisa amadurecer certas coisas, você precisa ir devagar com elas.

Qual a diferença entre escrever romance e conto?

JOÃO CARRASCOZA Os gêneros são como um enquadramento. É como se você tivesse uma câmera. Você vai fazer um conto, você enquadra, em geral, um plano pequeno, fechado, focado nas pessoas, num espaço mais reduzido, pelo menos os contos que eu faço. E quando você vai escrever um romance, já tem mais

profundidade, já vai lá no fundo, abre panorâmica, você tem mais espaços e acontecimentos para contar.

Uma definição que se tem é a de que o romance é rasgado por rios-histórias, porque você tem uma história principal e tem todas as pequenas histórias que vão afluindo, que podem ser desenvolvidas ou não. O conto é um riacho, é só aquele trechinho em que você procura condensar o mundo. Ele é metonímico, enquanto o romance é metafórico. No passado eu achava que conto era igual a um bonsai, sabe? Igualzinho à árvore maior, que seria o romance. Mas não é. Ele é um braço, um galho, ele é metonímico por excelência. Ele não tem todos os elementos que o romance tem. Então eu acho que a metáfora do rio e do riacho encaixa melhor.

O que é ser um escritor no Brasil hoje?

JOÃO CARRASCOZA Eu acho que um exercício de resistência, em todos os sentidos. Porque é ter esperança e estar lutando com a ação que você pode, que é a sua palavra, para que uma vida mais justa possa ser desenvolvida entre todos nós. E aí também talvez porque eu tenha escrito um livro sobre irmãos: você começa a dar as mãos dentro de casa e também começa a brigar dentro de casa. Então por que não dar as mãos também agora entre nós, brasileiros, independentemente das diferenças que existem?

Escrever hoje é resistir a todas as camadas: do mercado – dificuldade de editoras, dificuldade de encontrar leitor, de ter livro em acesso para os leitores, de ter o livro resenhado e falar sobre ele –, dificuldade contextual, política, econômica e educacional do país, dificuldade, digamos, conjuntural, do mundo. Tudo isso é o tempo que eu acredito que a gente tá vivendo, e esses tempos produzem também. Nos levam a produzir com força, nos incitam a trabalhar com mais vigor, até. São tempos que exigem do escritor um posicionamento, não panfletário, mas que exigem que a voz dele também possa estar viva, que ele possa falar. E aí, sim, é a hora de combater a espiral do silêncio. É hora de dizer, porque, se a gente não disser, está compactuando com o não dito. E é aquilo que não é dito que pode ser interpretado da maneira que você quiser. A gente também tem essa missão. O trabalho com a palavra é um trabalho do escritor para com o seu tempo. Quando você escreve, não está pensando no passado e nem no futuro. Você tá pensando no aqui e no agora, como dizia o Drummond. “O tempo presente, a vida presente, os homens presentes”. Acho que a posição de um escritor hoje, no Brasil, é estar aqui, para diálogo, com o tempo presente, com os homens presentes, com a vida presente.

O que você tem lido?

JOÃO CARRASCOZA Eu faço uma leitura sempre muito misturada, vou pegando os [lançamentos] que tão aparecendo junto com os clássicos. Gosto muito de contos. Fiz a leitura do livro que reúne os contos da Lygia Fagundes Telles, “Os contos”, foi muito bom rever. Li também o livro da Lidia Jorge que foi publicado no Brasil há algum tempo, a “Antologia de contos”. Gosto muito de ler poesia. Li dois poetas que me encantaram, que não conhecia e são coisas novas no Brasil: a antologia do Nicanor Parra, “Só para maiores de 100 anos” e “Terra e paz”, do Yehuda Amichai. Acabei de ler também um livro do Ricardo Aleixo, “Pesado demais para a ventania”. E agora para ler está aqui o Caio Fernando Abreu, os “Contos completos”.

VEJA TAMBÉM

PODCAST ([HTTPS://WWW.NEXOJORNAL.COM.BR/PODCAST/](https://www.nexojornal.com.br/podcast/)) **Como começar a ler a obra do escritor Caio Fernando Abreu ([https://www.nexojornal.com.br/podcast/2018/10/19/Como-
come%C3%A7ar-a-ler-a-obra-do-escritor-Caio-Fernando-
Abreu](https://www.nexojornal.com.br/podcast/2018/10/19/Como-come%C3%A7ar-a-ler-a-obra-do-escritor-Caio-Fernando-Abreu))**